

História da África

**Joceneide Cunha
Julio Claudio da Silva**



**São Cristóvão/SE
2010**

História da África

Elaboração de Conteúdo
Joceneide Cunha
Julio Claudio da Silva

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Nycolas Menezes Melo

Ilustração
Joceneide Cunha

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C217h

Cunha, Joceneide.
História da África / Joceneide Cunha -- São Cristóvão:
Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

1. África - História . I. Silva, Julio Claudio da. I. Título

CDU 94(6)

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais
Giselda Barros

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação
Edvar Freire Caetano
Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscila Viana Cardozo (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ítala Santana Souza (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Carolina Faccioli dos Santos
Cássio Pitter Silva Vasconcelos

Isabela Pinheiro Ewerton
Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Historiografia africana e fontes para o estudo da História da África .07

AULA 2

As primeiras civilizações e os reinos de Kush e Axum..... 15

AULA 3

O Islamismo na África e os reinos do Sudão Ocidental 25

AULA 4

A escravidão africana e o tráfico 33

AULA 5

Reinos do Congo e do Ndongo 41

AULA 6

Reinos iorubás.....55

AULA 7

Os retornados brasileiros 67

AULA 8

Aspectos da história da dominação colonial portuguesa em Moçambique... 86

AULA 9

Movimentos nacionalistas e de independência dos países africanos..102

AULA 10

O cinema africano 131

HISTORIOGRAFIA AFRICANA E FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA

META

Possibilitar ao aluno a perceber como transcorreu a história da historiografia da África ao longo dos séculos. Compreender que alguns desafios relativos a temas e fontes, presentes na da historiografia da africana, ainda se apresentam para o historiador contemporâneo dedicado ao seu estudo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Analisar o curso da historiografia africana ao longo dos séculos e enfatizar as novas possibilidades de abordagens de temas e fontes oferecidas pelos recentes avanços historiográficos.

PRÉ-REQUISITO

O aluno deverá ter domínio do que seja fontes históricas e historiografia.



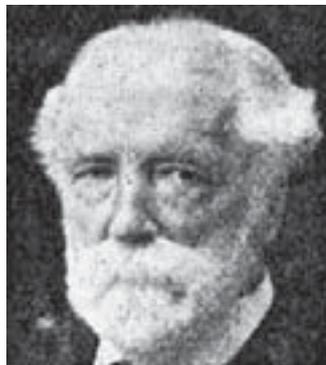
Representação do continente africano por meio de seus povos. (Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa aula é analisar a historiografia africana ao longo dos séculos e enfatizar as novas possibilidades de abordagens de temas e fontes oferecidas pelos recentes avanços historiográficos. Ao fazê-lo teremos em vista que todo registro humano produz uma determinada representação. Sendo assim a historiografia africana ao longo de seu curso produz/produdou diversas representações a respeito da África. De um modo geral quais são as imagens mais emblemáticas sobre a África construída ao longo dos séculos? Algumas das idéias sobre África foram criadas lentamente através dos relatos de viajantes e carregam consigo a noção de estranhamento.

Essas imagens começaram a ser construídas na Antiguidade e com as viagens da expansão colonial europeia a partir do século XIV essas imagens foram mais “alimentadas”, bem como no século XIX e início do XX, por conta do processo de partilha e colonização. Nessas imagens os europeus colocaram os africanos como inferiores. Assim, veremos que algumas idéias que perduram no censo comum sobre o continente como algo homogêneo ou um lugar inóspito é fruto de uma remota construção também historiográfica e que possuía interesses. Também veremos que a produção sobre história da África é vasta e que possui diversas correntes.

E esperamos que ao término do livro, o aluno possa perceber que o continente africano é heterogêneo em línguas, religiões, formas de organizações dentre outros.



Sir Adolphus William Ward foi o responsável pelos catorze volumes do *The Cambridge Modern History*, os quais não mencionavam em nada a história da África. Nos anos oitocentos houve a profissionalização da história que passa ser uma atividade científica ligada às fontes que são, sobretudo, as escritas. Com isso, a África não teria história antes da chegada dos europeus, pois eles é que teriam produzidas as tais fontes. (Fonte: <http://www.probertencyclopaedia.com>).

A HISTÓRIA DA ÁFRICA

Durante muito tempo perdurou a idéia de que não havia obras que abordassem a história da África, e um dos argumentos é que não haveria fontes históricas para serem pesquisadas. Nessa aula veremos que os textos sobre a história da África são praticamente paralelos ao aparecimento da escrita e que existe um leque amplo de fontes históricas para a história da África que estão sendo utilizadas pelos novos historiadores. Saliento que para os africanos o conhecimento da sua história e das sociedades é ponto indispensável nos que eles chamam de tomada de consciência e construção de uma identidade múltipla e em constante mudança. Até os anos cinquenta a história da África foi negligenciada pelo mundo ocidental.

Os textos de história que abordam o continente africano são bastante remotos. As civilizações do mediterrâneo já conheciam o norte do Saara e com isso essa parte do continente está presente nos relatos históricos de Heródoto, Plínio, Estrabão dentre outros. No entanto, essas informações são escassas e a autenticidade desses relatos é bastante discutida dentre os historiadores. As informações mais consistentes são da África Oriental, mais precisamente na região do oceano Índico e do Mar Vermelho, pois vários mercadores comercializaram nessa região um desses trabalhos foi realizado por Cláudio Ptolomeu.

Ressalto que essas obras criaram algumas representações sobre os africanos. Heródoto reconheceu o caráter justo dos reis etíopes, mas não viu com bons olhos o fato de serem negros e com os cabelos crespos. Nos seus relatos, mostra o quanto ele se impressionou com a cor da pele dos etíopes e com a geografia da Etiópia. A forma de denominar a África conhecida, Aethiops, que significava terra de homens pretos já mostra a imagem e o estranhamento que os romanos e gregos tinham da África. Na obra História de Heródoto, segundo Oliva há estranhamento, admiração e desqualificação. Desqualificação com a cor da pele. Ao mesmo tempo há uma associação com a cor da epiderme e o clima. Estranhamento com o fenótipo e admiração com a natureza, pois na Etiópia existiria muito ouro e as árvores seriam silvestres e com a longevidade dos homens.

Após Heródoto teremos o geógrafo Cláudio Ptolomeu que se baseou em estudos anteriores e concluiu que a África não passaria da região do Equador e que o clima ao sul dele seria intolerável. E essa cartografia que influenciou os geógrafos medievais e a teologia do mesmo período. Os geógrafos medievais elaboraram mapas que possuíam um padrão e colocavam os continentes da terra distribuídos em forma de T. O termo utilizado para representar essas representações era mapas TO, Orbis Terrarum. Segundo Noronha, T representaria o cristo crucificado e O os oceanos. Nessas representações Jerusalém aparece no centro, o paraíso terrestre no norte, a Europa ficava à esquerda (do observador) de Jerusalém e a Ásia a direita, por fim a África ficava ao sul da cidade citada.



Mapa de Psalter (Fonte: NORONHA, Isabel. Medieval chorography and Renaissance cartography: iconographic testimonies of two worldviews. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. [online]. Nov. 1999/ Feb. 2000, vol.6, no.3 [cited 03 May 2006], p.681-687).

Os textos medievais associavam a cor negra ao Diabo, este era sempre representado por um negro, um etíope. Orígenes defendeu a idéia de que a cor da pele refletia o seu índice de pecado, quanto mais escuro fosse o indivíduo, mais pecados ele teria. E, Juntamente com a cor da pele, o clima também foi usado no processo de criação dessas imagens negativas e positivas da África. Nesse contexto, foi elaborada uma imagem que a cor negra do diabo era devido a sua vivência no inferno, local de temperaturas elevadas.

Para Priore, a palavra África para os cristãos medievais está associada a história de Cam. E segundo a tal história Noé amaldiçoou a descendência de Canaã, filho de Cam, por causa de uma desobediência do último. Segundo a maldição os filhos de Canaã seriam escravos dos outros herdeiros de Noé e habitariam uma terra ensolarada.

Essas imagens não foram construídas ingenuamente, mas justificavam a escravidão. Na Bíblia há passagens que mostram a escravidão e em certa medida aprovam. E alguns dos atuais santos, como São Basílio, foram proprietários de escravos e depois foram canonizados. E essa imagem forneceu justificativa para a escravidão que perdurou durante séculos.

Quando nos relatos era mencionado o item dos recursos, tanto era mostrado a quantidade de ouro existente, como também se escrevia sobre uma secura do continente e seu solo pedregoso, ou seja imagens positivas e negativas.

As derivações dessas imagens foi o fato de nomear o gorila de homem selvagem, os pigmeus de orangotangos. Os africanos seriam uma raça amaldiçoada e por isso estava voltando a ser um animal.

Ressalta-se que paralelamente as imagens apontadas, havia também no interior da Igreja, pessoas que construía uma imagem positiva do continente e que criticavam a escravidão, como por exemplo, São Crisóstomo. E recorriam ao fato de um rei mago ser negro, Baltazar, para defender que Deus teria perdoado os descendentes de Cam.

Os árabes também produziram inúmeros textos sobre a história da África e nesses havia mais informações que nas anteriores. Pois com a ajuda do camelo, os árabes comercializaram de forma intensa com a África Ocidental, transitavam pelo Saara, alguns deles viveram nas principais cidades do chamado Sudão Ocidental. Também havia os comerciantes árabes que residiam na Costa Oriental da África, e além de comerciantes também existiam os intelectuais. Por esses motivos conviveram mais com os africanos e por isso descreveram inúmeras situações, saliento que narram as situações de acordo com as informações que recolheram na época que viveram. Uma crítica que se faz a essas obras e o fato de não mostrarem as mudanças ocorridas no tempo e alguns dos pontos descritos ou narrados podem ser anacrônicos, pois os árabes mencionaram aspectos que já tinham acontecido e que eram tidos como verdades e fruto de relatos mais antigos. Outra crítica é que em alguns casos não se sabe se o que o autor escreveu é fruto da sua observação ou de outrem, ou ainda obra de boatos contemporâneos. E, por fim, o termo história tinha um sentido ambíguo na época das tais obras, que podia significar tanto uma narração dos acontecimentos históricos como a descrição dos “fenômenos naturais”. Dentre essas obras podemos citar a de Al-Bakri (Nasceu na cidade de Córdoba em 1040 e escreveu um livro chamado *As Vias e os Reinos*, neste há um capítulo sobre o reino de Gana. Ele faleceu em 1094.) e Batuta (Nasceu em Tânger em 1304, norte da África, situada no Estreito de Gilbratar foi um grande viajante, circulou pela China, Médio Oriente, Zanzibar e no Sudão. No Sudão hospedou na residência do Mansa em Mali, seu livro *Voyages dans le pays des Noirs* traz inúmeras informações sobre o Reino do Mali. Ele faleceu em 1369); o primeiro narra a história do Reino de Gana, suas características e o último traz muitas informações sobre Mali. Essas obras narram os feitos dos africanos entre os séculos IX e XV.

Dentre esses autores árabes destaca-se Ibn Khaldun (1332-1406), nascido em Tunis, capital da Tunísia. Ocupou inúmeros cargos no decorrer da sua vida, pois foi secretário, chefe de chancelaria, ministro, recrutador de mercenários, foi preso, embaixador, grande cádi – uma espécie de juiz nas leis muçulmanas, cortesão e escritor. Foi um viajante circulou no norte da África, de Túnis a Fez, de Bugia ou Tlemcen ao Cairo. E ainda esteve na Sevilha e em Granada. Escreveu *Historia dos Berberes*, *Os Prolegómenos*, a *História Universal* em 1382. Parte da sua obra tem como objetivo discorrer sobre a África, sobretudo a do norte, e suas relações com os povos do Mediterrâneo e do Oriente próximo. Nesses estudos chegou a criar uma lei que os nômades dos desertos e estepes conseguiram terras agricultáveis, com

isso construíam grandes reinos e após três gerações perdiam a vitalidade se eram vitimados através de invasões de outros nômades, ou seja, uma visão cíclica da história. Esse autor acreditava ainda que pudesse se aproximar-se da verdade, através da crítica dos dados e comparação. E talvez por esse motivo, Ki-Zerbo defenda que ele foi o criador da história científica. (KI-ZERBO, 1972,16) Um dos capítulos de sua obra versa sobre a história de Mali no momento que esse reino atingia o seu ápice.



Ibn Khaldun (Fonte: <http://www.atlasnetwork.org>).

No século XV, os europeus chegam à costa Atlântica da África e isso faz com que surjam algumas obras literárias sobre as regiões que os portugueses comercializavam, por exemplo, a região de Angola. Eles se referiam a Costa Atlântica como a Guiné. Paralelo ao comércio também ocorreu um processo de evangelização e os missionários buscavam informações sobre os grupos, dessa forma a catequese poderia ter mais êxito. Dentre os últimos temos Pedro Paez que morreu em 1622. E dos primeiros temos como mostra Cadornega que publica em 1681 a História das Guerras Angolanas, um texto que também narra os feitos da rainha Nzinga.

Os livros do final do século XVIII mostram argumentos contra ou a favor da abolição do tráfico. Os autores desses livros participavam do comércio de escravos e por suas obras trazem posições sobre a temática.

No século XIX temos um grande acréscimo no número de obras escritas sobre a África, concomitante ao processo de colonização cresceu o interesse dos europeus pelos africanos, era necessário conhecer para melhor dominar. Paralelo a dominação surgiu um discurso que justificava a colonização através das idéias de Hegel e Darwin. No século XIX, os africanos foram classificados como seres inferiores, primitivos, tribais e incapazes de

evoluir. Essas idéias foram construídas por conta das correntes científicas que estavam em voga naquele momento, algumas delas era o Darwinismo social e do determinismo racial e geográfico. Essas idéias foram responsáveis pela crença na inexistência da história, crença essa que perdurou até a década de sessenta do século XX. Também surgiu nesse contexto, a antropologia que tinha como escopo estudar as sociedades primitivas e a-históricas. Dentre as produções temos as publicadas por Richard Burton.

Hegel defendia que as sociedades africanas não possuíam história:

A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático.

Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo. (Hegel, 1995: 174).

Paralelamente as idéias de Hegel temos a ascensão das idéias racistas. O racismo que era teorizado desde o século XVI, penetrou na história e justificou alguns genocídios e ele ainda resiste na atualidade, pois se espalhou nos filmes, nos programas de televisão dentre outros. O racismo científico do século XIX hierarquizou as pessoas de acordo com as características físicas; e a cor da pele era um dos elementos mais importantes nessa hierarquização. Os africanos estariam na base da pirâmide hierárquica e por isso não seriam capazes de organizar uma civilização e também não teriam sido capazes de criar nada, todos os elementos que existiriam no continente como técnicas de agricultura teriam sido copiados de outros povos. Assim, os africanos se tornaram personagens passivos na história e não sujeitos.

A influência do racismo foi relevante até os anos 20 do século XX, após isso ela começou a declinar. No censo comum o racismo começou a intensificar com os conflitos surgidos com o aumento de africanos e asiáticos nas cidades ocidentais. Além disso, as pessoas que conviviam com esses africanos tinham lido manuais que possuíam as idéias do racismo citado.

Nos Oitocentos também há uma profissionalização da história que passa ser uma atividade científica ligada às fontes que são, sobretudo, as escritas. Com isso, a África não teria nenhuma história antes da chegada dos europeus, pois eles é que teriam produzido as tais fontes.

Em 1902 e 1910, foi publicado *The Cambridge Modern History* em catorze volumes e em nada mencionava a história da África. Em 1957, foi publicado *The New Cambridge Modern History* sob os auspícios do Sir George Clark faz menções a África no período da colonização, principalmente da África do Sul e um capítulo introdutório sobre os demais povos africanos a-histórico.

Ressalta-se que nesse período tinha-se a idéia de que os africanos seriam alvos de estudos dos arqueólogos, lingüistas e antropólogos. No entanto, as pesquisas dos primeiros estavam associadas a história antiga e também acreditava-se que era necessário documentos escritos. Já os dois últimos eram grandes entusiastas de pesquisas na África por conta da variedade de línguas e de culturas. Eles acreditavam que no continente havia uma enorme quantidade de dados para serem recolhidos e classificados, todavia, a história só era buscada quando era necessário para explicar algum dado coletado. Algumas dessas obras foram repletas de hipóteses, como por exemplo, a de Seligman, *Races of África*. Nesta, ele defende que as civilizações da África são as dos Camitas e a história do continente deve retratar a relação desse continente com as outras raças da África, a negra e a bosquímana. Ele hierarquiza as “raças africanas”, os camitas seriam superiores. Fage pontua que no livro citado não há evidências históricas e suas hipóteses já foram na atualidade descartadas.

Também há produções de pessoas que participaram de forma efetiva do processo de colonização e que buscavam informações sobre esses povos para compartilhar com suas nações. Como mostra temos a produção de Delafosse, *A History of the Colonization of África*.

Outro passo foi dado na historiografia africana, quando Malinowski e Radcliffe Brown começaram a influenciar as obras sobre a África, pois eles criticavam uma história que não tivesse um lastro de fontes. Essa influência fez sair algumas obras de cunho mais histórico, como as de Leo Frobenius que era etnólogo, antropólogo cultural, arqueólogo e historiador camuflado. Ele publicou inúmeros trabalhos com os resultados de suas pesquisas, dentre outros pontos ele encontrou as estatuetas da cidade de Ifé. Ele buscava uma influência etrusca na cultura africana, inclusive nas estátuas. Fage aponta que obras de Frobenius praticamente não são lidas e são muito criticadas, mas o autor ressalta que se faz necessário uma releitura das mesmas, pois elas são repletas de informações.

No século XIX e início do XX, os africanos tiveram acesso a línguas escritas e começaram a narrar sua própria história, pois sentiam a necessidade de registrá-la. Dentre as obras temos a *History dos Yorubas* de Samuel Johnson, um pastor protestante e que era um yoruba. Até os dias atuais é considerada uma obra clássica sobre a temática. Posteriormente, surgiram outras obras feitas por africanos que objetivavam combater a idéia da superioridade européia e enaltecer o passado africano. Para os colonizadores, a história tinha uma finalidade prática conhecer para melhor dominar. Paralelamente a isso, vários historiadores africanos começam a anotar as tradições africanas com método e seriedade, aprendendo isso com os próprios colonizadores, pois os últimos achavam interessante que fosse aprendido na colônia um pouco sobre a história dos africanos e principalmente sobre a história dos colonizadores.

Convém enfatizar que houve europeus e/ou norte-americanos que escreveram trabalhos isentos de preconceitos, como por exemplo, Ruth Fischer. Pós 1947, a *Société Africaine de Cultura* juntamente com sua revista a *Présence Africaine* se preocuparam com a África pós colonização. E alguns africanos buscavam a história africana anterior a chegada dos europeus.

Nos anos 50 e 60 vários países africanos ficaram independentes, e como fruto desse processo ocorreu a criação dos Estados nacionais. Dessa maneira se fazia necessário uma construção de identidades para esses novos países e deles perante a humanidade. Assim, uma elite política, intelectual foi a responsável pela construção dessas identidades e utilizaram a história, seus heróis dentre outros elementos. Para Appiah, a negritude e o pan-africanismo estiveram presentes enquanto ideologias nos primeiros trabalhos sobre história da África no período pós-independência.

Nessa primeira corrente autores como Ki-Zerbo e Cheikh Anta Diop enfatizaram que a África tinha uma história. Eles precisavam se contrapor ao pensamento ocidental que afirmava o contrario. E ainda pontuavam que a história do ocidente era dependente da história africana. Por isso, são classificados por Carlos Lopes como grupo da “Pirâmide invertida” ou ainda corrente da “superioridade africana. Os trabalhos desses autores priorizaram estudar grandes sociedades africanas e suas invenções, mostrando sua autonomia em relação ao Ocidente. Esse grupo também cometeu erros no ponto de vista historiográficos. Primeiro porque enfatizaram as características histórico-culturais do continente africano de maneira desequilibrada e também por transformar os africanos em algumas situações em meras vítimas, tirando-lhes também seu papel histórico. Em vez de eurocentrismo teríamos um afrocentrismo.

Se faz mister salientar a importância do simpósio do Cairo em 1974, organizado pela UNESCO; como também o começo do surgimento de várias universidades no território africano e em 1969, o iniciou da execução do talvez mais importante projeto da história Africana, História Geral da África. A mencionada obra é composta por sete volumes, e possui uma divisão periódica, no primeiro volume temos a parte metodológica e a pré-história e no último de 1880 a 1935, nesse volume possui vários textos sobre o processo de colonização e das lutas anti-coloniais.

No final dos anos setenta, surgiu um grupo de historiadores preocupados em pesquisar a história da África mas de maneira menos apaixonada que seus anteriores, e que teriam como meta inserir, aumentar o número de estudos sobre o continente e integrar as inovações metodológicas da historiografia mundial a história da África. Esse grupo de pesquisadores ampliaram os temas pesquisados, alguns dos temas é o gênero, um exemplo é o trabalho de Edna Bay intitulado *Wives of the Leopard. Gender, Politics and Culture in the Kingdom of Dahomey*, que aborda o papel importante que as esposas do rei do Daomé tinham. Ainda há pesquisas sobre

escravidão como as de Thorton ou Lovejoy, também as sobre a literatura africana dentre outras.

Em suma, Carlos Lopes classifica a historiografia africana feita após o século XIX em três tipos, a corrente da inferioridade africana, da superioridade africana e a Nova escola dos estudos africanos.

FONTES PARA A HISTÓRIA DA ÁFRICA

Hugh Tevor-Hope, um famoso professor da Universidade de Oxford, afirmou em 1963 “... Não haver história da África Subsariana, mas tão-somente a história dos europeus no continente, porque o resto era escuridão, e a escuridão não é matéria da história” (SILVA, 2003, 229). Essa afirmação de Trevor-Hope mostra um pensamento corrente até pouco tempo atrás, a inexistência de fontes para a feitura da história da África, principalmente a subsariana, e por isso não seria possível construir a narrativa história. Essa idéia era decorrente, primeiramente de uma idéia positivista de fonte, ou seja, só era considerado fonte história os documentos escritos e oficiais. A África era vista pelos europeus como um continente bárbaro, de iletrados e por isso não teria produzido os documentos citados. Segundo devido ao fato dos ocidentais traçarem uma linha no deserto do Saara que separaria as sociedades alfabetizadas e analfabetizadas, e promoviam uma separação que inexistia na realidade entre uma África do Norte e uma subsariana. Não se pode pensar em duas histórias da África, pois as mesmas estão interligadas.

Há três tipos de fontes que se destacam na feitura da História da África: a escrita, tradição oral e os vestígios arqueológicos. Convém ressaltar que na feitura da História da África há a necessidade de uma interdisciplinaridade, a lingüística e a arqueologia são alguns dos campos de saber que têm contribuído de forma imensurável, principalmente pós anos setenta. Saliento que com a Escola de Annales houve um alargamento do conceito de fontes e a tradição oral passou a ser aceita dentre as mesmas. E lembrando que todos os elementos produzidos pelo homem passam a ser fontes históricas.

O primeiro tipo de fonte, as escritas, não são tão raras, nem tão dispersas no tempo e no espaço como se defendeu durante muito tempo. Elas são inúmeras e muitas ainda aguardam historiadores para pesquisarem. Elas estão arquivadas na Argélia, Marrocos, na Europa e até mesmo na América. Ki-Zerbo divide-as em fontes antigas (egípcias, núbias e Greco-latinas), fontes árabes, européias ou soviéticas dentre essas há as narrativas ou as de arquivo, fontes africanas recentes, as meroíticas, etíopes, os africanos que escreverem em árabe e os africanos que redigiram nas línguas européias e por fim as fontes africanas e asiáticas que também há as narrativas e as de arquivo. (KI-ZERBO, 1972,15)

Há um grande número de relatos escritos em árabe, a partir do século VII, período de expansão muçulmana, alguns desses escritos foram citados

anteriormente porque também são relatos de história. As fontes árabes estão entre as fontes mais importantes, pois traz informações sobre grandes períodos e diversos reinos; e foram escritas por árabes e africanos. Além dos já citados Ibn Batuta, Al Bakri, Ibn Kkaldun podemos citar Al Hasan, (Nasceu em 14883 em Granada e estudou em Fez, no Marrocos. Viajou pelo Sudão por volta de 1507, esteve no Egito e foi a Meca. Foi preso por um pirata siciliano e foi entregue ao Papa Leão X que o batizou na Basílica de São Pedro com o nome de Johannes Leo de Médicis. Tornou-se professor na Universidade de Bolonha. Posteriormente deixou a Itália e retornou a Tunísia e se converteu novamente ao Islã. Sua principal obra e muito conhecida dos europeus é a Descrição da África e das Coisas Notáveis Que aí se encontram.) também conhecido como J. Leão-o-Africano, ou ainda Masudi dentre outros. E, entre as fontes africanas temos os textos como o do sultão Njoya em língua bamum.

Nos séculos XV e XVI, conforme foi citado, o continente começou ser alvo dos europeus que comercializavam seus produtos e buscavam escravos. Muitos deles, marinheiros, comerciantes redigiram relatos de suas expedições que fornecem várias informações das sociedades africanas. E nos Oitocentos, período da partilha e colonização, vários europeus foram para a África ocupar cargos burocráticos e com isso produziram balancetes, relatórios dentre outros documentos escritos. E muitas das tradições orais foram transcritas. O problema dessas fontes é que boa parte delas foram produzidas pelos europeus e por isso seu uso requer cuidados e um grande rigor metodológico. Uma novidade nesse tipo de fontes, as escritas, têm sido a literatura, através dos textos literários os historiadores têm pesquisado as representações dentre outros aspectos.

O segundo tipo, a oral, é de extrema importância para a história da África. Os guardiões da tradição oral são os anciãos. E quando um deles falece leva consigo um fio da tradição oral da localidade. Essa fonte mostra os valores e costumes de algum povo; assim como alguns fatos históricos. Na África as palavras não são usadas inutilmente, quando uma pessoa exerce um cargo, ela pouco falará em público. As meias-palavras são extremamente usadas, assim como provérbios. Ambos ganham sentidos dentro do seu contexto e requer um grande esforço na interpretação. Na região da Senegâmbia, por exemplo, existe um ofício denominado de griot ou griô que foi definido por Cheikh Hamidou Kane como o “guardião das tradições orais nas sociedades senegambianas. (BARRY, 2000, 5). O papel do Griô é “romper o silêncio do esquecimento e exaltar a glória da tradição” (BARRY, 2000, 5). Uma das tradições narradas na região é a epopéia de Sundiata que foi mansa do Mali. O griô é considerado o mestre na arte de falar, para isso passam por treinamentos disciplinados, que duram por sete anos e é um cargo passado de pai para filho. Esses griots se tornam os detentores da tradição oral. Eles também animam o público com músicas, que narram

as grandes ações dos corajosos e dos justos, dançando e contando as coisas antigas. A presença deles é marcante nas celebrações.

Alguns historiadores ainda não consideraram o funcionamento interno das tradições orais africanas, não compreenderam que elas são discursos históricos que possui como meta narrar uma história. E como ocorrem as seleções das tradições, como algumas são reativadas de acordo com as necessidades contemporâneas ou como também são esquecidas. Muitas das narrativas da tradição oral têm sido confirmadas através dos documentos escritos ou dos achados arqueológicos. E, elas permitem uma visualização da África na perspectiva dos africanos. Um das críticas que se faz ao uso das tradições é o fato da oralidade ter uma função na África. No entanto, as fontes escritas também não possuem uma função? Outra crítica que se faz ao uso dessas fontes é o fato delas terem rupturas e serem descontínuas e a ausência de uma cronologia.

O terceiro tipo são os vestígios arqueológicos. Nesses tem encontrado cerâmicas, artefatos de ferro e bronze. Esses achados têm confirmado tradições orais e revelado várias características das civilizações africanas. Os achados arqueológicos têm permitido informações de Estados como Kush, Axum ou ainda Gana. E contribuído aos africanos com uma construção da história africana numa perspectiva dos africanos. Dentre alguns dos arqueólogos temos Clark, Dart, Leakey, Zaki dentre outros.

Os problemas das fontes citadas acima são: a falta de recursos financeiros suas pesquisas, geralmente, demandam grandes somas de dinheiro, as dificuldades de acesso de alguns sítios arqueológicos, fragilidade de alguns materiais utilizados e por fim, o solo úmido de algumas regiões que contribuem com o desgaste dos artefatos ou ainda a erosão que provoca uma desarrumação nos estratos. Outro aspecto são os turistas que em expedições acabam destruindo alguns desses artefatos.

Outras fontes históricas que são pouco citadas pelos especialistas em História da África são as visuais, como fotografias e os filmes. Os africanos têm produzido inúmeras películas que da mesma maneira que a literatura pode ser visualizado representações dos africanos feita pelos mesmos dentre outros pontos.

RESUMO

Os textos de história que abordam o continente africano são bastante remotos. Remontam aos relatos históricos de Heródoto, Plínio, Estrabão dentre outros. Contudo esses registros não são necessariamente precisos. A partir da chegada dos europeus à costa Atlântica da África, no século XV, surgiram algumas obras literárias sobre essas regiões, entre elas as que defenderam ou refutaram a tese da abolição da escravidão publicadas no final do século XVIII. No século XIX houve um grande acréscimo no número de obras escritas sobre a África, concomitante ao processo de colonização, era necessário conhecer para melhor dominar. Essas produções foram da afirmação de serem as sociedades africanas a-hitória as suas hierarquizações, entre si e face as sociedades de outras partes do mundo. Nas décadas de 1950 e 1960 houve a independência de vários países africanos e a criação de Estados nacionais. Para a construção dessas novas identidades nacionais uma elite política, intelectual utilizou a história, seus heróis dentre outros elementos. Assim a negritude e o pan-africanismo estiveram presentes enquanto ideologias nos primeiros trabalhos sobre história da África no período pós-independência. Ainda sobre o período pós-independência devemos salientar a importância do simpósio do Cairo em 1974, organizado pela UNESCO; o surgimento de várias universidades no território africano e em 1969, o iniciou da execução do projeto história Africana, História Geral da África. Por fim no final dos anos setenta, surgiu um grupo de historiadores preocupados em pesquisar a história da África mas de maneira menos apaixonada que seus anteriores, e que teriam como meta inserir, aumentar o número de estudos sobre o continente e integrar as inovações metodológicas da historiografia mundial a história da África, como bem definiu Carlos Lopes, a Nova escola dos estudos africanos.



ATIVIDADES

1. Pesquise na internet os conceitos de negritude e pan-africanismo.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno deverá dominar dois conceitos importantes para a compreensão da historiografia africana.



PRÓXIMA AULA

Nesta aula estudamos a historiografia africana e suas fontes, bem como algumas representações criadas a partir das mesmas. Na próxima aula estudaremos alguns reinos que surgiram ao longo do Rio Nilo.



AUTOAVALIAÇÃO

Posso descrever como transcorreu a história da historiografia da África ao longo dos séculos. Consigo perceber alguns desafios relativos a temas e fontes, presentes na a feitura da história da África.

REFERÊNCIAS

- BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O Desafio da História Regional. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos/SEFHIS. 2000
- BAY , Edna, Wives of the Leopard. Gender, Politics and Culture in the Kingdom of Dahomey, Charlottesville, Virginia University Press, 1998.
- CURTIN, P.D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história geral. . In: UNESCO - História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África - São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO, 1982.pp.73-89.
- FAGE, J.D.A evolução da historiografia da África . In: UNESCO - História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África - São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO, 1982. pp.43-59
- KI-ZERBO, Joseph – Introdução Geral. UNESCO - História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África - São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO, 1982. pp. 21-42
- KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra, Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.
- NORONHA, Isabel. Medieval chorography and Renaissance cartography: iconographic testimonies of two worldviews. Hist. cienc. saude-Manguinhos. [online]. Nov. 1999/Feb. 2000, vol.6, no.3 [cited 03 May 2006], p.681-687. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000100009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-5970
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. Estud. afro-asiát., 2003, vol.25, no.3, p.421-461.
- PRIORE, Mary Del & VENÂNCIO, Renato Pinto. Ancestrais: uma introdução a História da África Atlântica. 3ªed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. pp.53-70